

ESTUDO ♦ DOCENTE DA ESCOLA DE SAÚDE DR LOPES DIAS

O cuidado em fim de vida

■ Há 15 anos que Paula Sapeta se dedica a estudar os cuidados em fim de vida. Editou recentemente um livro

Célia Domingues - JF

O DESENVOLVIMENTO dos cuidados paliativos em Portugal “continua muito lento”, as equipas e os serviços “é ainda insuficiente”, o que faz com que “58 por cento dos portugueses continuem a morrer nos hospitais”. A denúncia parte de Paula Sapeta, investigadora em Cuidados Paliativos e que acaba de lançar um livro que aborda a forma como os profissionais lidam com os doentes crónicos avançados nos hospitais. “Não há grandes alternativas para os doentes crónicos avançados, os serviços de Medicina Interna acabam por ser o destino invariável, embora também o sejam nas Cirurgias e até nos Cuidados Intensivos”. Na prática, nas instituições de Saúde, “predomina o paradigma curativo e os doentes crónicos avançados são tratados exactamente com esse estatuto, como se fos-

sem curáveis”, observa Paula Sapeta, directora e docente da Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias em Castelo Branco. A profissional acaba de lançar o livro “Cuidar em fim de vida”, que tem a ilustração do arquitecto João António Simão, que não é mais do que o resultado de uma investigação no Doutoramento em Enfermagem, iniciado em 2007 e concluído em Junho de 2010, trabalho este que contou com a orientação de Manuel Lopes.

Com este trabalho, a investigadora quis compreender como se estruturam os cuidados prestados ao doente em fim de vida e desvendar como cada enfermeiro usa o espaço de interacção junto do doente que se aproxima da morte, que saberes mobiliza, que estratégias adoptam, que competências detém e como as constrói, para garantir dignidade no processo de morte destes doentes.

Na apresentação do trabalho, que encheu por completo o auditório da Escola Superior de Saúde, Paula Sapeta falou do trabalho de campo nos nove meses em que acompanhou a equipa de enfermagem e recordou alguns casos que a impressionaram num serviço com “taxas de ocupação e demoras médias elevadas, com doentes muito complexos, em geral, idosos, com pluripatologia, elevados níveis de dependência e onde o rácio enfermeiro-doente é claramente desajustado”. Por outro lado, “a mortalidade é muito elevada (por exemplo numa semana morreram 12 doentes), esgotaram-se os sacos de cadáver, “o que resulta emocionalmente muito exigente para os jovens enfermeiros”. Na esfera pessoal, “um número significativo de enfermeiros revelou dificuldades em lidar com os doentes que estão a morrer”, refere em conclusão. “Gostava muito que a realidade



Paula Sapeta estudou os cuidados prestados ao doente em fim de vida

mudasse, porque não existem más práticas nos hospitais. O que acontece é que os doentes crónicos avançados não são no contexto curativo que deveriam estar”, diz Paula Sapeta. No contexto hospitalar o modelo seguido é o de diagnóstico, tratamento e alta precoce e isto “não se coaduna com um doente crónico”. Já os profissionais não conseguem distanciar-se do drama de fim de vida dos seus doentes. “Existem psicólogos nos hospitais, mas não existe ligação com os elementos da equipa e até com as pró-

prias famílias. Muitas vezes são os elementos das equipas que se apoiam uns aos outros”, define Paula Sapeta.

O livro foi ainda apresentado pela direcção da Associação Portuguesa dos Cuidados Paliativos no âmbito das Actividades de Comemoração do Dia Mundial e Mês dos Cuidados Paliativos, em Portugal. A dedicação de Paula Sapeta sobre o tema não se limita ao lançamento deste livro. Em breve, na Escola Superior de Saúde vai começar a ser leccionado um Mestrado em Cuidados Paliativos.